

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE

PORTUGAL CONT. 6,00€ · BE/FR/GR 10,90€ · ES/IT 10,00€ · AU/DE/NL 12,00€ · UK £7,50€ · SUISSE 14,00CHF · MOROCCO 96MAD



Green

Studio Jencquel / Vo Trong Nghia
/ Anna Heringer / The SPOT

81 MAY-JUN 2018

Mariana Dias Coutinho



©Valter Vinagre

Corpo e Espaço *Body and Space*

www.marianadiascoutinho.tumblr.com

Mariana Dias Coutinho trabalha com vários media, o desenho, a pintura, a instalação e a performance, mas a abordagem artística parte sempre da ideia da escultura. Como escultora, interessa-lhe a relação entre o corpo e o espaço nas suas diferentes manifestações fenomenológicas.

Mariana Dias Coutinho works with different media, drawing, painting, installation and performance, yet her artistic approach invariably begins with the idea of sculpture. As a sculptor, she is particularly interested in the relationship between body and space in its different phenomenological manifestations.



©António Jorge Silva



©António Jorge Silva

Alda Galsterer: Qual foi o seu primeiro contacto com a arte? Mariana Dias Coutinho: Cresci num ambiente onde a cultura sempre teve uma grande importância. A minha avó e o meu pai sempre gostaram de coleccionar arte e, juntos, têm uma interessante reunião de alguns trabalhos, principalmente do Modernismo Português. Os meus pais também sempre me estimularam e valorizaram a relação humana e isso passava pelo contacto com diferentes expressões artísticas. Era habitual irmos juntos ver exposições, concertos e bailados. **Como e onde foi o seu primeiro atelier?** O meu primeiro espaço de trabalho foi na minha primeira casa, a casa dos meus pais, em Lisboa. Com a mudança para uma casa maior, deixámos a antiga “desabitada” - durante 4 anos foi onde trabalhei (na altura fazia conservação e restauro de mobiliário e escultura em madeira) e onde comecei a desenvolver a minha prática artística. Em 2011, uma amiga minha, também artista, tinha começado a desenvolver um novo projecto-espaço em Lisboa, na Rua das Janelas Verdes, num antigo palacete. Foi um espaço muito importante para mim e onde compreendi o que Virginia Woolf propõe em “A Room of One’s Own”, um espaço próprio para abordar questões como a privacidade, lazer, bem como independência criativa e financeira. Há 3 anos encontrei um andar na Rua de São Paulo, dividido em várias salas, e que replica em menor escala essa noção de comunidade artística e onde tenho o meu actual atelier. **Qual ou quais os artistas que influenciaram a sua obra?** Como a maioria dos artistas, as nossas referências são variadas e multidisciplinares e, às vezes, é difícil enumerá-los de forma coerente. Artistas como a Lígia Pape, a Lygia Clark, Hélio Oiticica e o Waltercio Caldas, do movimento brasileiro neo-concretismo, continuam a interessar-me e relaciono-me bastantes com as questões que levantaram na altura. Outros artistas que me tocam são também a Rosemarie Trockel, Diane Simpson, Monika Sosnowska, Ruth Asawa, Lenore Tawney, Gordon Matta-Clark, Robert Morris, Carl Andre, Richard Serra, Doris Salcedo e Louise Bourgeois. Do panorama nacional acompanho o trabalho de alguns artistas como Fernanda Fragateiro, Helena Almeida, António Bolota e Rui Chafes, por exemplo. **Existem temas recorrentes na sua obra?** “A fronteira entre espaço público e privado (ou doméstico)

Alda Galsterer: What was your first contact with art? Mariana Dias Coutinho: I was brought up in an environment where culture was always very important. My grandmother and my father always enjoyed collecting art and, between them they have acquired an interesting collection of works, particularly from Portuguese Modernism. Also, my parents always encouraged me to value human relationships and this included contact with different forms of artistic expression. We often went together to see exhibitions, concerts and dances. **Where was your first studio and what was it like?** My first working space was in my first home, that is, my parents’ home in Lisbon. When we moved to a larger house, the old one was left ‘uninhabited’ - that’s where I worked for four years (at the time I was working with conservation and restoration of furniture and sculpting with wood) and that’s where I started developing my artistic practice. In 2011, a friend of mine - also an artist, started to develop a new project-space in Lisbon, on Rua das Janelas Verdes, in an old mansion. It was a really important space for me and where I came to understand what Virginia Woolf proposed in “A Room of One’s Own”; a space of one’s own where one could address questions such as privacy, leisure, as well as creative and financial independence. Three years ago I found a floor of a building on Rua de São Paulo, divided into various rooms and which replicates, on a smaller scale, this notion of an artistic community and this is where my current studio is. **Which artist or artists have influenced your work?** Like most artists, our references are varied and multidisciplinary and, it is sometimes difficult to list them in a coherent manner. Artists like Lígia Pape, Lygia Clark, Hélio Oiticica and Waltercio Caldas, from the Brazilian Neo-concrete movement continue to interest me and I still identify with the questions that they raised at the time. Other artists that have also touched me are Rosemarie Trockel, Diane Simpson, Monika Sosnowska, Ruth Asawa, Lenore Tawney, Gordon Matta-Clark, Robert Morris, Carl Andre, Richard Serra, Doris Salcedo and Louise Bourgeois. On the Portuguese panorama, I follow the work of some artists such as Fernanda Fragateiro, Helena Almeida, António Bolota and Rui Chafes, for example. **Are there recurrent themes in your work?**

“Proporcionar uma oportunidade experimental para desafiar as percepções, perspectivas e premissas da identidade pessoal e colectiva de cada um.”

“Offering an experimental opportunity to challenge perceptions, perspectives and premises in the personal and collective identity of each person.”



©António Jorge Silva



“Ataque ao sol”, exposição colectiva na / collective exhibition in Casa Museu Medeiros e Almeida, Lisboa / Lisbon - 2015

continua a intrigar-me e a instigar novas formas de questionamento destinadas a explorar as diversas relações entre cultura popular e arte contemporânea. O trabalho assume várias formas, concebidas para atrair o espectador como participante, testemunha e, em última instância, como co-autor, criando novos e imprevisíveis ciclos de pensamentos e associações, proporcionando uma oportunidade experimental para desafiar as percepções, perspectivas e premissas da identidade pessoal e colectiva de cada um.” (Este é um excerto do meu “*artist statement*”). **O que é comunicar visualmente para si?** Entendo essa capacidade como uma transmissão visual de conceitos, de ideias, uma linha de pensamento que se propõe ser activada pelo outro. **E planos para 2018?** Este ano promete ser algo agitado. Comecei, no início de Janeiro, o *Independent Study Program* da Maumaus, em Maio tenho uma exposição individual na Galeria Sá da Costa e, no final de Julho, mudar-nos-emos para o Alentejo. Há cerca de 2 anos, juntamente com o meu marido Diogo e uma equipa multidisciplinar de 18 pessoas, que estou envolvida na criação do projecto A-F-Á-B-R-I-C-A. Este projecto, no Concelho de Odemira, tem como objectivo reverter o processo de despovoamento da região, através da criação de um centro criativo onde são promovidas actividades culturais, sociais, ambientais e económicas que se interligam neste espaço de criação artística, incubação de ideias, formação e debate. Um projecto sustentável e solidário, que estamos já a implementar através da associação que criámos chamada *Project Earth*.

“The frontier between public and private (or domestic) spheres continues to intrigue me and inspire me to find new ways of questioning aimed at exploring the different relationships between popular and culture and contemporary art. The work takes on different forms designed to attract the spectator as participant, witness and eventually as co-author, creating new and unpredictable cycles of thought and associations, offering an experimental opportunity to challenge perceptions, perspectives and premises in the personal and collective identity of each person, (this is an excerpt from my “*artist statement*”). **What, to you, is to communicate visually?** I understand this ability as the visual transmission of concepts and ideas, as a line of thought which can be activated by another person. **And plans for 2018?** This looks like it will be a busy year. In early January I started the *Independent Study Program* with Maumaus, in May I will have an individual exhibition at Galeria Sá da Costa and, in late July, we will move to the Alentejo. For the past two years, I’ve been involved with my husband, Diogo, and an 18-member-strong multidisciplinary team in the development of a creative centre where cultural, social, environmental and economic activities are promoted and interact with each other in this space for artistic creations, incubating ideas and providing training and debate. This is a sustainable and supportive project, which we are implementing through the association that we created, called *Project Earth*.